



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA.
DO TOCANTINS - *CAMPUS* GURUPI
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS/TEATRO**

ADRIANA JORGE FIGUEREIDO

O TEATRO E A INTERDISCIPLINARIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

**GURUPI-TO
2018**

ADRIANA JORGE FIGUEREIDO

A ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – Campus Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora: Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães.

FIGUEREDO, Adriana Jorge.

Título: **A ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

Adriana Jorge Figueredo. – Gurupi-TO, 2018.

46 f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi-TO, 2018.

Orientadora: Professora Me. Marli Fernandes Magalhães.

1. Arte. 2. Interdisciplinaridade. 3. Educação. 4. Ensino Aprendizagem

ADRIANA JORGE FIGUEREIDO

A ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – campus Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Prof^a. Ma. Marli Fernandes Magalhães
Presidente
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Esp. André Luiz Moura Siqueira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Me Brenno Jadvas Soares Ferreira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

*[...] aceito até os silêncios que me forem
dados expressar com a transparência das
deixas
nem tanto o que represento mas sim o que
representa a minha presença nesse palco
_Luci Collin*

AGRADECIMENTOS

Antes de mais ninguém, agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado me ajudando e guiando meus passos.

À minha família, meus pais Domingos Jorge Neres e Justina dos Santos Figueredo por sempre terem acreditado em mim e nunca terem desistido de me ajudar nessa jornada tão árdua.

Ao meu marido Fernando Ferreira Júnior, por todo amor, incentivo, carinho e paciência, que foi dispensado a mim durante esse período. Aos meus irmãos, Artemisa Jorge Figueiredo e Ismael dos Santos Figueiredo e minha sobrinha Lívia Samara Alves Figueiredo, por todo amor que sempre tiveram por mim.

Aos meus amigos de trabalho que me ajudaram em algum momento por ter que me ausentar por causa do TCC, em especial minhas primas que não vou citar nomes para não cometer injustiça, por tudo que vivemos juntos e que ainda viveremos.

À minha querida orientadora, Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães, que me acolheu como sua aluna, incentivou a não desistir, se dedicando a mim de forma tão especial, me dando atenção desde o primeiro instante. Agradeço a forma como fui tratada, por todo o tempo dedicado a mim e por sempre repetir de maneira carinhosa ainda que firme: “mantenha a calma!”. Obrigada por tudo, agradeço principalmente a Deus por ter-lhe colocado em meu caminho, pois todo esse carinho resultou na finalização deste trabalho. Quero também agradecer o Prof. Me. Adailson Costa dos Santos pela oportunidade que tive de cursar a disciplina de TCC, pela atenção e dedicação que teve comigo fora da sala de aula me ensinando na formatação do meu TCC com as normas da ABNT.

Aos meus professores, sem os quais nada disso seria possível, a saber: Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira, Me. Claudemir Figueredo Pessoa, Ma. Edna Pinho, Esp. Manuel Tomaz Ataíde Júnior, Márcia Helena Padilha, Me. Pablo Marquinhos.

Aos meus colegas de turma, em especial o Esp. Adílio Jorge Sabino, Ana Paula e Gilma Tavares, tanto pelos momentos de felicidade, quanto pelos momentos de dificuldades, os quais guardados suas devidas proporções, ajudaram a compor a totalidade da minha experiência acadêmica. Meu sincero muito obrigada, cada um de vocês foi, a sua própria maneira, muito importante para mim. Grata.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a inserção do teatro como componente curricular válido, bem como suas potencialidades no fomento de uma educação multidisciplinar que perpassa e integre as diversas áreas de conhecimento respeitando as limitações e peculiaridades de cada educando, valorizando as experiências pessoais de cada um, afim de se agregar valor à experiência grupal em âmbito escolar. Buscar caminhos e soluções em torno de métodos para uma educação com mais qualidade, participação e inovação são as molas condutoras desta pesquisa, a qual busca analisar a disciplina de Arte e a interdisciplinaridade no contexto educacional, sem perder de vista, que trabalhar interdisciplinarmente requer a adoção de atitudes para um processo criativo junto ao estudante. Busca-se compreender como inter-relacionar os conteúdos de Artes com outras disciplinas previstas na grade curricular. Procura-se ainda compreender como a disciplina de Arte pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, será alvo de profunda análise a contribuição do teatro na aprendizagem da criança.

Palavras-chave: Arte. Interdisciplinaridade. Educação. Ensino Aprendizagem.

RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo discutir la inserción del teatro como componente curricular válido, así como sus potencialidades en el fomento de una educación multidisciplinar que pierda e integre las diversas áreas de conocimiento respetando las limitaciones y peculiaridades de cada estudiante, valorizando las experiencias personales de cada uno uno, a fin de agregar valor a la experiencia grupal en ámbito escolar. Los caminos y soluciones en torno a métodos para una educación con más calidad, participación e innovación son el resorte conducente de esta investigación, la cual busca analizar la disciplina de Arte y la interdisciplinariedad en el contexto educativo, sin perder de vista, que trabajar interdisciplinariamente requiere la intervención la adopción de actitudes para un proceso creativo junto al estudiante. Se busca comprender cómo interrelacionar los contenidos de Artes con otras disciplinas previstas en la parrilla curricular. Se busca aún comprender cómo la disciplina de Arte puede contribuir en el proceso de enseñanza y aprendizaje. Además, será objeto de un profundo análisis la contribución del teatro en el aprendizaje del niño. .

Palabras clave: Arte. Interdisciplinariedad. Educación. Enseñanza Aprendizaje.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O ENSINO DE ARTES.....	12
2.1 O ensino de arte no Brasil.....	18
3 A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA.....	20
4 METODOLOGIAS DO ENSINO DO TEATRO	22
4.1 O teatro contribuindo na aprendizagem da criança.....	24
5 A IMPORTÂNCIA DO TEATRO NA PROMOÇÃO DO CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR.....	31
5.1 Teatro no fomento do hábito da leitura e como potencializador cognitivo ..	33
6 OS JOGOS DE RPG COMO PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA A SER TRABALHADA EM SALA DE AULA.....	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

A ideia da temática apresentada é fruto do momento da formação durante a disciplina Projeto interdisciplinar ofertada no curso de licenciatura em Artes Cênicas, circunstância que possibilitou a compreensão da necessidade de trabalhar o ensino de Arte nas mais diversas disciplinas ofertadas no currículo escolar, por ser uma disciplina, a Arte ganhou força a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – Arte. No primeiro capítulo será possível discorrer sobre o ensino de Arte de forma interdisciplinar no contexto educacional enquanto no segundo haverá uma abordagem sobre o ensino da arte no Brasil, ressaltando a importância do ensino de Artes e suas metodologias na formação da criança. O teatro contribuindo na aprendizagem da criança.

No terceiro será abordado sobre educação e teatro estarem historicamente envolvidos pelo mesmo objetivo, ou seja, despertar no educando o prazer pelo fazer, de levar a aprendizagem significativa e diferenciada, divertindo e entretendo aos discentes. A literatura sendo explorada de maneira lúdica e prazerosa, despertando interesse. Será discutido sobre o processo de escolarização em massa que caracterizou a democratização do ensino.

No quarto capítulo será exposto sobre a importância do teatro na promoção do conhecimento multidisciplinar. A estranheza com que, ainda hoje, o teatro (e as disciplinas que envolvem artes de modo geral) é vista como algo “menor” ou como disciplinas “periféricas”, mas a partir da observação da realidade escolar será colocado aqui o absurdo desse estranhamento.

No quinto capítulo será exposto como os preconceitos relacionados ao ensino de teatro podem limitar o potencial interdisciplinar da educação e como o teatro é visto, antes de tudo, como entretenimento, visão que o esvazia de sua finalidade de promover o autoconhecimento e evolução pessoal de cada um, atrelada ao desenvolvimento coletivo, visto que devido ao seu caráter de realização coletiva é a isso que se propõe. Longe de apenas constatar fatores negativos relacionados à não aplicação do teatro como norteador da busca de um conhecimento interdisciplinar aqui também serão expostos os benefícios em sua adoção como facilitador da apreensão do conhecimento.

No sexto capítulo será proposto que se use o RPG como viabilizador do conhecimento em âmbito escolar ao mesmo tempo que se investiga suas potencialidades no afã de cumprir tal papel.

Além de enfatizar os potenciais avanços que o teatro pode promover na educação temos exemplos de como ele pode ser efetivamente aplicado a fim de solucionar problemas relativos ao ensino de matérias específicas quanto na apreensão de valores morais e éticos ou para se discutir questões sensíveis relativas ao convívio em sociedade.

A partir da necessidade de recriação conceitual e teórica das disciplinas de conhecimento com a finalidade de ampliação de uma ligação entre seus respectivos fatores de identificação, pode-se lançar mão do potencial interdisciplinar do fazer teatral, uma vez que esse consiste em uma forma mais maleável e lúdica de apreensão do conhecimento distribuído entre variados assuntos necessários à formação do discente.

É importante destacar sobre o papel do professor de arte, uma vez que essa disciplina promove o desenvolvimento da sensibilidade, percepção, imaginação fator que implica professores comprometidos na democratização de saberes artísticos, sendo que os mesmos precisam ter uma visão ampla das condições para o estudo e transmissão de conhecimentos, de forma técnica fazendo uso de materiais que apresentam as diversas possibilidades da expressão artística, sem perder de vista os inúmeros elementos que compõem a arte bem como o papel que cabe à escola cumprir.

Condicionado ao que foi exposto, com fins à obtenção dos objetivos delineados no presente estudo, a metodologia adotada para a pesquisa foi desenvolvida a partir de materiais publicados em livros, artigos e legislações de autores diversos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O ENSINO DE ARTES

Discorrer sobre o ensino de Arte de forma interdisciplinar no contexto educacional é o desafio deste capítulo. Não há como analisar as nuances da temática sem, contudo, fazer uma abordagem histórica sobre o ensino da arte e de maneira mais específica de teatro nas sociedades através dos tempos.

Com o crescente aprimoramento da sociedade, a complexidade de sua conjuntura se elevou a níveis que possibilitaram a transmissão do conhecimento bem como instituições que viabilizassem tal processo.

A comunicação que, segundo se acredita, ocorria, inicialmente, por gestos, tornou-se oral e, posteriormente, acrescentou-se a forma escrita. Com o aumento da população e da complexidade social, aperfeiçoaram-se formas de sociabilidade juntamente com o crescimento das diversas tradições culturais, surge a necessidade de serem criadas formas de preservar os conhecimentos acumulados, repassando-os metodicamente aos jovens: estava nascendo a educação conscientemente planejada (VIEIRA 2019, p. 19).

Não cabe aqui explicitar as diversas etapas pelas quais esse processo de transmissão de conhecimento que convencionou-se chamar educação passou, apenas cabe lembrar que:

A dimensão pedagógica do ensinar e do aprender passou por diversas mudanças no decorrer dos séculos e adquiriu múltiplas finalidades, seu alcance se expandiu, abrangendo diferentes áreas do conhecimento humano. Essa expansão do saber gerou benefícios, transformações sociais e mudanças de postura do homem diante da vida e do mundo ao seu redor. (VIEIRA 2016, p. 22)

Dentre as antigas civilizações, a grega foi a que mais influenciou a cultura ocidental. Segundo Vieira (2016) é na educação grega que surge a figura do educador através da extrapolação da figura dos sofistas como agentes transmissores do saber.

Mas o aspecto da educação grega que mais influenciou o pensamento ocidental através da adoção de seu modelo educacional, contudo, é sem sombra de dúvida, o que diz respeito ao ensino da moral e da ética. Para exemplificar tal fato pode-se usar como parâmetro a obra de Platão, que segundo Costa:

Na obra, *A República*, Platão considerava o corpo humano dividido em três partes: cabeça, peito e baixo-ventre cada ligada respectivamente, à razão, à vontade, e ao desejo ou prazer. Cada uma das características possui um ideal ou uma virtude.

A razão deve aspirar a sabedoria, a vontade deve mostrar a coragem e os desejos devem ser controlados afim de se chegar à temperança. Quando as três partes do homem se fundem é possível chegar a sabedoria.

A prática pedagógica, centrada na valorização dos aspectos humanísticos, visa principalmente a tentar compreender o que está subjacente às atitudes diárias, a compreender as potencialidades buscando a felicidade (COSTA, 2003, p. 6).

Os gregos eram politeístas e seus deuses representavam fenômenos da natureza (como exemplo, pode-se citar, Zeus, Pai dos demais deuses e personificação do trovão e da chuva) ou sentimentos e emoções humanas (Eros, deus do amor e do erotismo) e nesse contexto o teatro e a educação mantinham forte vínculo com a religião o que muitas vezes fazia com que se confundissem entre si. Os gregos buscavam explicar ou justificar os acontecimentos terrenos como ações dos deuses.

Por meio dos mitos eram exemplificados conceitos referentes à moral e dos rituais onde eram prestados cultos aos deuses, nasceu o que posteriormente viria a ser chamado de teatro, sobretudo dos rituais executados em honra ao deus, Dionísio.

Um dos instrumentos fundamentais dessa educação comunitária é o teatro, a tragédia e a comédia, que é um espelho da comunidade [...]. Assim, o teatro, em Atenas, é “também e sobre tudo um lugar das representações das contradições que laceram o corpo da cidade e as consciências de seus membros”, referente a escolhas políticas, éticas, psicológicas, [...]. No teatro, comunidade educa a si mesma (GAMBI 1999, p. 79).

No período histórico compreendido como Idade Média ocorreram profundas transformações no pensamento e estilo de vida do homem europeu. A doutrina cristã imprimiu no imaginário social a ideologia da unidade da fé como modo de vida. A religião era o que norteava a ética, os usos e costumes além dos valores morais, artísticos e culturais.

A influência do cristianismo na vida particular dos indivíduos, bem como de suas famílias, e também nos âmbitos social e político, alimentou a identidade Europeia, nutrindo seus ideais políticos, seus critérios econômicos e suas relações internacionais.

A contribuição da Igreja medieval foi decisiva nos processos de elaboração e divulgação da educação, fornecendo as bases do ensino formal e profissional. Muito do que vivenciamos hoje nas salas de aula se originou através do arcabouço educacional e cultural deixado pela Igreja da Idade Média e o padrão atual de ensino é uma herança medieval.

O zelo que a sociedade europeia desse período chegava tal ponto que, como afirma Vieira (1999) “Na Idade Média, as preocupações com os problemas religiosos predominaram sobre as questões intelectuais, culturais, estéticas e físicas. Nos mosteiros e nas catedrais funcionavam as instituições de ensino da época.” O que nos transmite a forte ideia de uma sociedade extremamente religiosa cujo modelo de educação era essencialmente teocrático e que priorizava o conhecimento religioso em detrimento do científico.

Seguindo em direção ao curso natural dos fatos históricos constata-se que com a invenção da imprensa, aproximadamente em 1455, revolucionou o conceito de livro, dando novo fôlego a literatura e descortinando os horizontes de novas possibilidades. Para se ter uma ideia do quão importante esse evento se configurou para a difusão do saber e da informação é aconselhável se ater à afirmação de Vieira:

A prensa de tipos móveis contribuiu, para a expansão do conhecimento e com o fortalecendo dos ideais de liberdade e de livre comércio. Com isso a industrialização se modernizou, a educação se renovou, tornando-se um direito do cidadão. Com o renascimento da educação humanista, surgem novos conceitos de educação: a educação disciplinar, de John Locke; a tendência naturalista de Rousseau; a tendência psicológica, de Pestalozzi, a científica moderna e a sociológica. Todas essas correntes e tendências educacionais tiveram e ainda têm importante papel como alicerces no processo de redefinição da educação. Assim, ao se redefinir a função da educação na sociedade, dá-se um salto em direção ao futuro, a uma nova configuração de ensino e aprendizagem: a *Escola Nova* (VIEIRA 2016, p. 29).

Faz-se também importante frisar que o mercado literário também foi alavancado com a invenção da imprensa, aliado a fatores como o ciclo da expansão do comércio marítimo e a subsequente laicização do ensino, como fica evidente ao se ter contato com a afirmação de Vieira:

A crescente difusão de ideias com a propagação de obras literárias tanto religiosas quanto laicas, trouxe à cena grandes nomes na dramaturgia, como é o caso de [...] Christopher Marlowe (1564-1593) e William Shakespeare

(1564-1616), [...] O expressivo aumento da classe burguesa, do livre comércio, das grandes navegações e da produção em escala, aumentou a procura por escolas. Esse novo cenário levou à criação de novos centros de ensino laicos, como primeiro passo para a modernidade da educação (VIEIRA 2016, p. 29).

Após meados do século XX, o mundo passou por grandes avanços científicos e tecnológicos. A economia capitalista passou a orientar uma nova sociedade ávida por consumo, baseada em novas relações de trabalho e meios de produção. As convenções éticas, morais, sociais e concepções de arte sofreram mudanças inéditas. O individualismo passou a nortear o comportamento coletivo dos indivíduos a medida que foram derrubados tabus e mitos sociais. Em meio a tantas mudanças se operando no seio da sociedade a educação também sofreu profundas mudanças:

No veloz fervilhar desses eventos, colocou-se também a educação, que depois de passar por diversas concepções ideológicas, se afirmou como órgão nevrálgico da sociedade. Ao voltar-se para o indivíduo moderno socialmente e culturalmente novo, abriu espaço para novos protagonistas: a criança, a mulher e o portador de necessidades especiais. A escola se impôs como instituição chave da sociedade democrática (VIEIRA, 2016, p. 30).

Dentre vários influentes pensadores vale lembrar os nomes de Durkheim e Piaget que se contrapunham no sentido de que enquanto Durkheim acreditava na efetividade de uma educação unilateralmente baseada na coação Piaget acreditava que mesmo sendo baseada na autoridade dos adultos essa educação levaria o indivíduo a posteriormente desenvolver sua própria autonomia (COSTA, 2003).

O questionamento que é levantado em relação à função e importância do teatro na escola traz a necessidade da abordagem dos aspectos mais relevantes a respeito do mesmo. Sua definição pontual e a perscrutação de seu desenvolvimento através da linha cronológica da história humana constitui em um caminho para a compreensão de sua importância e de como ele melhor possa contribuir o ensino.

Bonfante; Fernandes e Sales (2015) esclarecem que a década de 70 e 80 foi marcada por dificuldades enfrentadas pelas escolas em saber relacionar a teoria e a prática do ensino de artes. Os professores com formação em Educação Artística utilizavam os guias curriculares, livros didáticos que não apresentavam bibliografia específica, bem como não possuíam metodologias de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9.394/96 inicia as discussões sobre o ensino de artes, mesmo tendo educadores contrários. Assim, a citada lei considera como obrigatório o ensino de Arte na educação básica, conforme explicitado no Art. 26 § 2.º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos discentes (Lei nº 9.394/96).

Cuba; Martinho e Abreu-Bernardes (2015) apresentam que na década de 70, ensino de Arte inclui profissionais que sabiam escolher assuntos que possam instruir os educandos rumo ao fazer e o entender as diversas modalidades e a história cultural das mesmas. Os professores compreenderam que o ensino de artes significaria a valorização do ensino artístico, favorecendo ampliar a discussão teórica sobre a educação da sensibilidade, a criatividade e a liberdade artística. Contudo, contra o entusiasmo dos professores, constataram que essa educação proposta não atendia os anseios dos artistas e dos movimentos que abarcavam uma arte mais engajada, o que levou à proibição das obras de artistas brasileiros renomados, como Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Geraldo Vandré, entre outros.

A partir dos anos 80 os professores de arte iniciaram um movimento denominado arte-educação. O objetivo do grupo era que a arte fosse reconhecida como campo de conhecimento específico, com objetivos, conteúdos e metodologia peculiares, e não apenas como atividade, até então entendida pelas leis vigentes. Ademais, buscavam a valorização e o aprimoramento do professor (CUBA; MARTINHO; ABREU-BERNARDES, 2015). Esse movimento organizado promoveu que novas ideias se multiplicassem no País, como por exemplo: mudanças de concepções de atuação com arte, que foram difundidas por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte educadores, entidades públicas e particulares.

Assim, verifica-se o aumento de professores levantando a bandeira sobre a área, participando ativamente aos programas de pesquisas de cursos de pós-graduação, o que faz surgir novas concepções e metodologias para o ensino e a aprendizagem de arte nas escolas. Os anos 90 chegam ao final em meio ao cenário de mobilizações a diferentes tendências curriculares em arte. Segundo a Secretaria

de Educação Fundamental (1998), a transição para o século XXI trouxe propostas que interferiram na melhoria da aprendizagem e do ensino.

É Interessante que se lance mão do potencial que o teatro possui na transmissão de valores morais e éticos no sentido de através de textos que encerrem em seu âmago algum conteúdo que possua forte apelo moral e(ou) faça alguma espécie de ode a comportamentos nobres e exemplares ou que através de maus exemplos suscite discussões a respeito de temas pontuais como respeito, preconceito, justiça e compaixão. E uma vez que se aproveite de maneira satisfatória a ludicidade que a prática teatral em ambiente escolar encerra em si, esse será efetivamente implementado como facilitador do trabalho com conceitos morais e éticos:

Aprendizagem e prazer são dois itens fundamentais dentro da nossa proposta, nos propomos fazer da sala de aula um espaço onde o prazer e o conhecer se fazem presentes. A experiência do teatro exige a busca de soluções, tal como na filosofia; a criatividade é amplamente desenvolvida, exige-se a invencionice, adaptação e improvisação diante das circunstâncias de cada peça, de cada texto construído, de cada apresentação diante da plateia, bem como postura, vivenciar o espaço em que tudo acontece ampliando a percepção de tempo e lugar, que são constantemente abalroados pelo mundo virtual. (PAIM, 2017, p. 7-8)

Logo além da interação mediada pela prática artística, e mais especificamente teatral, tem-se configurada uma oportunidade real de se exercer a prática de atitudes éticas de maneira despojada, de forma que aos educandos será dada a oportunidade de ter contato com preceitos facilitadores da coexistência em sociedade através do lúdico que compõe o teatro.

Afim de que não se confunda os termos aqui mencionados valho-me da definição do filósofo Mario Sérgio Cortella que afirma que:

A ética é o conjunto de valores e princípios que eu uso para a minha conduta no meio da sociedade, isto é, quais são os princípios para eu agir. Moral é a prática desses princípios. Este conjunto de valores é construído por algumas instituições sociais, como família e escola. A família é o ponto de partida da formação ética. [...] A coerência ética é o melhor modo de fazer com que uma criança e um jovem entendam qual é a sua formação (CORTELLA, 2016, s/p).

Por isso utilizando textos que abordem temas relativos à prática dos princípios morais ou que façam alusão e busquem fomentar a reflexão o educador pode viabilizar a apreensão de tais conceitos sem o ônus de compactar um vasto conteúdo de teor filosófico/sociológico em preleções unilaterais nas quais quando muito pode-se

suscitar a que os discentes opinem forçosamente a respeito de um conteúdo pelo qual nutrem pouco ou nenhum interesse. Com a prática teatral mediando a transmissão de tais valores temos que os educandos ao invés da simples exposição ao conhecimento alvo da aula irão interagir de maneira lúdica e por isso mesmo mais efetiva com o mesmo.

2.1 O ensino de arte no Brasil

Conforme analisado em PCNS, o ensino de Arte sofre fortes divergências entre a prática e teoria, além da dificuldade que uma grande parcela de professores tem de apropriarem-se do conhecimento do assunto. Segundo a Secretaria de Educação Fundamental:

As práticas de ensino de Arte apresentam níveis de qualidade tão diversificados no Brasil que em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, modelos estereotipados para serem repetidos ou apreciados, empobrecendo o universo cultural do aluno. Em outras, ainda se trabalha apenas com a auto expressão, sem introduzir outros saberes de arte. A polivalência ainda se mantém em muitas regiões. Por outro lado, já existem professores preocupados em também ensinar história da arte e levar alunos a museus, teatros e apresentações musicais ou de dança (BRASIL 1998, p. 29).

A problemática não é diferente nas escolas de nível superior, como é observado que muitos profissionais com graduação distinta, como por exemplo, Pedagogos, Educação Física, assumem conteúdos de Dança, Teatro, Música e outras Artes. Os PCNS chamou a atenção para a necessidade da experiência adquirida por meio da teoria e da prática, em nível de formação continuada, formação acadêmica em graduação e especializações.

Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não podem trabalhar. Só é possível fazê-lo a partir de um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica, material adequado para as práticas artísticas e material didático de qualidade para dar suporte às aulas (BRASIL 1998, p. 30).

Sobre a necessidade da formação dos professores, verifica-se que:

Durante o processo de formação dos professores ainda precisam ser trazidos a tona uma abordagem mais consistente com relação às

modalidades artístico-culturais na perspectiva da reflexão, emancipação humana e (re) educação do olhar do aluno acerca da importância da Arte para sua formação enquanto sujeitos de direitos, de vontades, de desejos, aspirações e necessidades. Isso porque o trabalho artístico se apresenta muito técnico, preocupado com a qualidade das criações dos alunos. Sem contar que a Arte é restrita a momentos de lazer, a momentos extras na escola e de relaxamento dos corpos (QUEIROZ E NASCIMENTO 2012, p. 6).

Concernente à sua importância no âmbito escolar, as autoras citadas defendem que:

Arte é a expressão e a comunicação do homem de seus sentimentos e emoções. E esses sentimentos e emoções não estão, exclusivamente no plano do choro ou da alegria, mas expressões e sentimentos de um dado momento histórico, onde o que o ser humano exprime é o que ele vive, é o que ele é e é o que ele deseja que seja, que a sociedade seja (QUEIROZ E NASCIMENTO 2012, p. 6).

O fenômeno da criatividade e a capacidade do homem em apreender é realizada de forma poética ou científica, são formas distintas de aquisição do conhecimento, que conduz ao estudo, o que pressupõe a responsabilidade da escola promover a busca da compreensão humana. Essa compreensão deve estar acompanhada da profissionalização, para contemplar as necessidades de aprendizado dos estudantes. Conforme a Secretaria de Educação Fundamental:

Assim, é papel da escola estabelecer os vínculos entre os conhecimentos escolares sobre a arte e os modos de produção e aplicação desses conhecimentos na sociedade. Por isso um ensino e aprendizagem de arte que se processe criadoramente poderá contribuir para que conhecer seja também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar muito, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. Porque o aluno desfruta na sua própria vida as aprendizagens que realiza (BRASIL 1998, p. 31).

Cumpramos ressaltar que é de suma importância que o aprendizado esteja em consonância com aquilo que o indivíduo vive. Algo que poderá despertar um interesse maior, tendo em vista que ele será capaz de fazer uma análise mais acertada entre a teoria do que se aprende e a prática do que se vive.

3 A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Com o objetivo de relacionar a arte com a formação dos educandos do ensino fundamental, há que se discorrer sobre o importante papel do professor enquanto mediador do conhecimento, uma vez que a oferta de condições para os estudos dos mesmos ficam sob a responsabilidade deste profissional. A tarefa do professor de artes é auxiliar o desenvolvimento a partir das percepções do estudante durante trajetórias que eles percorrem, pela leitura de mundo, bem como, pelo que o sujeito vê no meio onde está inserido. Ferraz e Fusari discorrem sobre o assunto;

Qualquer conceito estético ou artístico pode ser trabalhado a partir do cotidiano tanto da natureza quanto da cultura como um todo. Assim, é bastante enriquecedor solicitar que as crianças levem para a escola, por exemplo, elementos que se refiram a um determinado assunto de artes a ser trabalhado. O professor também deverá fazê-lo. Desta maneira, havendo interesse em trabalhar as percepções e seus elementos (como texturas, cores), pode se colecionar da natureza – flores, folhas, gravetos, pedras, etc. – ou de materiais produzidos pelo homem – como tecidos, pedaços de papeis, rótulos, embalagens, fotografias, ilustrações, objetos de uso cotidiano, sons, canções e outros – que serão reunidos na classe como material auxiliar para as aulas de artes (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 49).

O Professor que se coloca como mediador e não um detentor de sabedoria, consegue compartilhar conhecimentos e adquirir um repertório satisfatório ao entendimento dos discentes. Aproveitar o desenvolvimento do educando, sua percepção pelo mundo, facilita para o professor ao fazer uso de materiais concretos, na elaboração do plano de aula, sempre tendo em mente o que relata Bonfante, Fernandes e Sales, ou seja, a:

Criança tem capacidade para assemelhar as diversidades formais, estruturais e cromáticas existente no mundo no qual ele está inserido. O contato da criança com as obras de artes também é outro ponto importante, porque possibilita a praticar as atividades artísticas, adquirindo novos repertórios relacionando com suas experiências já estabelecidas em sua vida. O professor deve mostrar aos alunos as diversas possibilidades que encontramos através das expressões artísticas, considerando inúmeros elementos que compõem a arte (BONFANTE, FERNANDES, SALES 2015, p. 6).

Como verificado, Bonfante, Fernandes e Sales, compartilham entre si a ideia de que o professor deve favorecer ações que estimulem a percepção, a imaginação dos estudantes, além de estimular a capacidade da reflexão, da análise, do emitir opiniões.

O professor encontra na Arte a sustentação para o trabalho na educação, tornando possível analisar as tendências de cada um dos educandos, estimular a formação do cognitivo na formação da personalidade, e por meio da brincadeira “passa a desenvolver as competências, afetividade, linguagem oral e escrita, motricidade, percepção, memória e a representação de mundo” (BONFANTE; FERNANDES; SALES 2015, p. 7).

A defesa apresentada pelos autores citados remete ao pesquisador da aprendizagem Vygotsky que enfatizava o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Para ele:

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD) a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal. Determina pela capacidade de solucionar problemas com ajuda de um indivíduo mais experiente. São as aprendizagens que ocorrem na ZPD que fazem com que a criança e ao adolescente se desenvolvam ainda mais. É justamente nesta zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem vai ocorrer. A função de um educador escolar, por exemplo, seria, então, a de favorecer esta aprendizagem, servindo de mediador entre a criança e o mundo (BONFANTE; FERNANDES; SALES 2015, p.7).

Um meio indispensável para desenvolver a aprendizagem infantil é o ensino de artes, iniciando no ensino fundamental, por possibilitar aos discentes aprenderem o trabalho em grupo, a compartilhar, a melhorar a coordenação motora. Ensino de Artes promove a “reflexão no que se refere à formação dos discentes, os espaços e materiais fornecidos pelas escolas são ainda insuficientes, atendendo apenas em partes as demandas da disciplina (BONFANTE; FERNANDES; SALES 2015, p. 8)”. Aqui fica notória a necessidade de profissionais formados na área.

O desenvolvimento do estudante, por meio do ensino de artes, está condicionado à necessidade do professor em conhecer e saber utilizar os mais variados tipos de técnicas artísticas, apresentar a cultura presente em diferentes povos, oferecer diferentes materiais e recursos, que possam expressar a comunicação, a linguagem, permitindo que os educandos passem a analisar e criar formas artísticas, desenvolver a imaginação criadora.

Permite ainda, ampliar a sensibilidade para a interpretação e/ou representação de mundo que pode ser por meio da pintura, do desenho e da representação teatral (BONFANTE; FERNANDES; SALES 2015). O tema a ser

abordado no tópico seguinte apresenta sobre a importância do teatro no processo de formação da aprendizagem da criança, visto que é uma experiência que contribui em vários aspectos no desenvolvimento das capacidades expressivas e artísticas da criança.

4 METODOLOGIAS DO ENSINO DO TEATRO

A arte é uma experiência de grande valor no meio educacional, o qual vem descortinando as barreiras das dificuldades tanto do conhecimento quanto da capacitação profissional e começa a estimular para o pensamento e para a atuação de estudantes artistas por entender que é um meio de superar dificuldades. O ser humano é visto como um ser complexo. A sua relação com as Artes Cênicas, possibilita se perceber capaz de relacionar, de desenvolver com o outro, e a criança especialmente, eleva o cognitivo, o lado motor, o afetivo e o social. Corroborando com essa ideia, Oliveira e Stoltz dizem que:

Nesse sentido a escola pode oferecer experiências significativas aos educandos: que os afetem nas esferas emocional, social, motora e cognitiva; que os motive a buscar e conquistar muito mais conteúdo. Um dos caminhos pode ser trabalhar a arte para além das aulas de educação artística (OLIVEIRA E STOLTZ 2010, p. 78 apud WEIGNER; SILVA. 2013, p. 2).

É evidente que a escola é um espaço significativo no processo de aquisição de aprendizagem, visto que é neste ambiente que a criança recebe os ensinamentos conceituais, atitudinais, procedimentais e o professor com honrosa missão de instigar o conhecimento, leva a criança a agir para o aprender, despertando o interesse pelo mundo do conhecimento. Vygotsky contribuiu sobre a cultura do conhecimento e da zona de desenvolvimento proximal nos seus ensinamentos, conforme se nota do seu comentário:

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar apenas quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. [...] Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VYGOTSKY, 1989, p. 101).

Compreendendo a importante contribuição de Vygotsky, é factível que o meio se modifica segundo o desenvolvimento da criança, o meio e a criança estão sempre em transformações mútuas. Assim posto, a sala de aula é o espaço ideal para o ensino de artes cênicas também. Ainda conforme os citados autores:

Trabalhar com essas e outras modalidades artísticas envolve o estímulo de outras percepções sensoriais e regiões do cérebro. A música necessita de atenção, uso da audição, exercício intenso, seja para cantar ou para tocar um instrumento. A dança, os movimentos musculares organizados e controlados, o ritmo, a atenção ao conjunto ou a música, a organização espacial. O teatro usa a linguagem verbal e corporal, a memorização, a atenção, também a organização espacial. Todas exigem a interação social e fazem parte da cultura. Todas implicam a mobilização de aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores dos sujeitos; implicam ainda em aprendizagens, exercício repetitivo, construção de conhecimento. Em especial, pretende-se, aqui, tratar da arte do teatro (OLIVEIRA E STOLTZ 2010, s/p).

Ainda assim, muitas são as dúvidas sobre como trabalhar Artes Cênicas no âmbito escolar, qual seria o objetivo de tal disciplina, como deveriam ser o planejamento, entre outros tantos questionamentos. Ferreira (2012) contribui sobre a importância em perceber o teatro e a teatralidade no mundo moderno, não permitindo se prender a assuntos dramáticos e também referências apresentadas pela mídia. Ele afirma que:

O teatro se dá em um espaço simbólico que é construído pela ação dos atores jogadores, daqueles que participam do jogo teatral. Dessa forma a sala de aula pode se transformar, em um espaço-tempo de criação teatral, onde a imaginação o corpo e a ação dos alunos integrados na construção de novos saberes e competências expressivas (FERREIRA E FALKEMBACH 2012, p. 11).

Mesmo com as dificuldades enfrentadas, onde muitas vezes considerada como uma utopia, o que se afigura é um grande resgate do ser humano, de sua história, que atravessa fronteiras do conhecimento e da contemporaneidade. Nesse contexto, a escola tem a importante tarefa de resgatar histórias e representá-las de forma lúdica, prazerosa, harmoniosa, usando o teatro como fomentador de cidadania e de competência cultural a dispor dos educandos.

4.1 O teatro contribuindo na aprendizagem da criança

Educação e teatro estão historicamente envolvidos pelo mesmo objetivo, despertar no educando o prazer pelo fazer, saber sempre mais, levar a aprendizagem significativa e diferenciada, divertindo e entretendo aos educandos. Na grade curricular da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – 9394/96 o ensino de teatro é obrigatório, isto porque o teatro estimula à oralidade, a linguagem, a escrita, o improviso, dentre outras habilidades que favorecem o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e os torna mais criativos e pensantes.

Uma aula de teatro pode ser executada de diversas formas, como por exemplo: apresentação de peças, onde se trabalhe o “faz de conta” com personagens e a criatividade de montar cenários, tantos grandes como pequenos. O teatro é considerado como um instrumento pedagógico. (BASTOS, 2016). Temos vários autores que utilizam do fazer teatral com dispositivo metodológico. Entre eles Ricardo Japiassu que fala sobre a finalidade do jogo teatral.

A finalidade do jogo teatral na educação escolar é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio, da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica. O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação (JAPIASSU 2001, p. 26).

Compreendendo um pouco mais, a literatura apresenta a palavra teatro, que vem do grego (theátron) e segundo Margot Berthold, significa “ver, enxergar”, lugar de ver o mundo e perceber cada indivíduo ao seu redor, assim, dentre várias finalidades, na educação o teatro tem o propósito de mostrar o comportamento social e moral dos indivíduos com um aprendizado que destaca os valores e um bom convívio social.

O teatro na educação é um processo de aprendizagem que exige disponibilidade para desenvolvermos a nossa capacidade cognitiva e expressiva; pois atuamos com os saberes, sentimentos, sensações, percepções e compreensões ao entrarmos em contacto com um texto, um personagem ou um jogo dramático (ABREU 2014, p.32 *apud* BASTOS, 2016, p. 14).

O processo de escolarização em massa que caracterizou a democratização do ensino laico ao longo do século XX proporcionou a inclusão do teatro como

componente curricular da educação. Mas, somente após as exigências impostas à instrução formal pela crescente industrialização da economia internacional é que aconteceu a inclusão do teatro, possibilitando incorporação dos conteúdos estéticos às diretrizes curriculares. Segundo Ricardo Japiassu:

As abordagens do teatro na educação, tanto *instrumentais* como *estéticas*, foram em grande parte determinadas pelas políticas educacionais das nações e fundamentadas rigorosamente em teorias psicológicas do desenvolvimento infantil, especialmente nas leis da epistemologia genética clássica, formuladas originalmente por Jean Piaget, em Genebra, na Suíça, com base nas investigações desenvolvidas por ele no Instituto Jean-Jacques Rousseau (JAPIASSU 2001, p. 30).

A linguagem corporal, a verbal, a plástica, a escrita, entre outras, são muito bem representadas através do teatro, permitindo que crianças expressem suas vivências, experiências, permite que analisem e avaliem as manifestações sociais onde estão inseridos de forma lúdica e prazerosa.

Para Jean Piaget (2009 p. 4) *apud* Lira (2012) o simples fato de aprenderem a imitar algo, leva as crianças a imaginarem, a recriarem de forma a compreenderem as cenas do dia a dia quando brincam de bonecas, com bolas, contando histórias. Em momentos dessa natureza elas começam a interpretar em suas brincadeiras, um faz de conta com cenário de um pequeno teatro. Elas criam e recriam, divertem e se educam através do fazer teatral, como afirma Piaget:

O teatro popular contém a linguagem simplificada, o teatro em escolas de comunidades é um bom exemplo disso, tendo duas funções divertir e educar, jogos de imaginação, tendo como subclasses as metamorfoses de objetos, as vivificações de brinquedos, as criações de brinquedos, as criações de brinquedos imaginários, as transformações de personagens e a representação em ato de estórias e contos (PIAGET 2009, p.141 *apud* LIRA 2012, p. 04).

Como analisado, o teatro contribui sobremaneira na aprendizagem da criança, por permitir a ela a capacidade do entrosamento, da socialização, do improviso, melhoria na oralidade, na expressão corporal, permite criar cenas imaginárias e transportar para o real através de pinturas, da expressão corporal, da confecção de figurinos entre outras tantas habilidades.

Na adolescência o educando permite a busca por meio da pesquisa, da elaboração de redação, ao escrever algo, permite expressar sentimentos, se desenvolvam em cenas de reportagem, criam habilidade em diversas áreas, desde

que a área pedagógica seja bem direcionada promovendo não só a imaginação, mas, sobretudo, a organização do pensamento (LIRA, 2012).

Porém, verifica-se em Silmara Moraes Lídia Arcoverde, que teatro estimula o indivíduo no seu desenvolvimento mental e psicológico. Por outro lado, há que se ter em mente que o teatro é arte, arte que precisa ser estudada não apenas em níveis pedagógicos, mas também como uma atividade artística que tem as suas características, uma vez que “o teatro é também uma instrução que requer o conhecimento de múltiplas manifestações” (ARCOVERDE, 2008).

Conforme os estudos realizados por Aristóteles sobre a composição narrativa, norteador pelas tragédias gregas, a arte da imitação é o que mais move o homem e não apenas as suas ações, modificando o entendimento da função de catarse¹ que, através da identificação com a trama e seus personagens, o espectador seria capaz simplesmente de expressar seus sentimentos, visto que o valor estético do teatro permite que a plateia repense seu estar no mundo, que se dá através de um conflito – que o coloca em presença de questões humanas. O conflito que é gerado pelas relações entre os personagens. De acordo Arcoverde:

O objetivo do texto é proporcionar a eficácia da peça, dessa forma, o texto deve ser bem formulado e diálogos bem estruturados. Com relação ao teatro infantil, a ação dramática, como característica do teatro, deve ser observada seguindo os mesmos critérios de avaliação de peças para adultos, como por exemplo: estrutura da peça, articulação dos atos, cenas principais e caracterização das personagens. A estrutura da peça apresenta três elementos: exposição, conflito e desenlace. A exposição é a parte em que o público toma conhecimento dos acontecimentos. No conflito, os problemas descritos na exposição chegam ao clímax, aumentando tensões. O desenlace é o moderador da tensão, sendo provocado pela resolução do problema (ARCOVERDE, 2008, p. 04).

Todavia, é importante ressaltar que embora a Lei da Educação Nacional apresenta as diretrizes, os parâmetros aos sistemas de ensino público, as quais orienta, norteia sobre o ensino de artes, há que se registrar que essa temática no âmbito escolar, bem como a formação de professores, ainda tem um espaço muito tímido. Há muito a ser conquistado, como é verificado abaixo na fala de Cunha:

¹ O termo Catarse (do grego *kátharsis*) consiste na purificação do espírito do espectador através da purgação de suas paixões, especialmente dos sentimentos de terror ou de piedade vivenciados na contemplação do espetáculo trágico.

Apesar de existirem educadores que acreditam na força que a arte de encenar tem para promover a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, ainda há um grande número de escolas que não aceitam e não valorizam a atividade teatral no processo educativo. Isso pode se dar devido a enorme carga transdisciplinar que permeia o teatro, o qual gera algo novo, causando, assim, o risco da descoberta (CUNHA 2009, p. 293).

Quando o teatro ganha espaço no cotidiano escolar, acaba sendo aplicado de maneira incoerente, seja por desconhecimento ou puro descuido, já que muitas vezes é visto como se fosse uma terapia de grupo, com o foco em diminuir as dificuldades de aprendizagem e ou comportamento de estudantes. Em Cunha (2009) observa-se a preocupação sobre tal problemática, pois o autor registra que a educação brasileira não dá a atenção necessária, especialmente aos professores, entre outros profissionais da educação, visto que muitos consideram o ensino de artes como supérfluo:

Não devemos encarar a “presença do teatro na escola como um simples treinamento para o palco”, tendo, exclusivamente, “um enfoque voltado para a formação de atores e atrizes”. Muito menos com a tarefa de “promover a desinibição e socialização, procurando motivar os alunos a participarem das atividades de outras disciplinas” (SILVEIRA 2006, p. 3 *apud* BENTO E MEN 2009, p. 5).

O ensino de artes na escola deve estar focado em “[...] práticas teatrais que estimulam e desenvolvem o caráter de produção coletiva dessa atividade artística na escola (jogos em grupos) em detrimento de outras, que podem estimular o treinamento técnico e individualista...” (BENTO E MEN 2009, p. 6). Contudo, há que se ter conhecimento e domínio de teorias, metodologias para o sucesso do teatro. , Ademilson Henrique da Cunha, *apud* Bento e Men, afirma que:

O teatro “[...] deve surgir como um mecanismo para expelir toda a capacidade individual, desenvolvê-la e transformar a realidade sócio-cultural dos alunos [...]”. Para ele, isso é possível “[...] pois, a arte de dramatizar propicia a busca de si mesmo, onde se pode mergulhar em sonhos e buscar superar os desafios da vida, modificando comportamentos cotidianos” (CUNHA 2009, p. 295 *apud* BENTO E MEN 2009, p. 6).

A ideia de Cunha (2009) torna claro que o teatro é um método que pode alterar o comportamento do ser, visto que pode levar o indivíduo à busca de si mesmo, “mergulhar em sonhos e buscar superar os desafios da vida, modificando

comportamentos cotidianos”. No que diz respeito à defesa do teatro na educação analisa-se as seguintes vantagens:

Utilizar o teatro aliado à educação, oportuniza-se aos educandos um conhecimento diversificado e lúdico, existindo um clima de liberdade onde o aluno libera as suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações, pois é um meio de expressão para o aluno. Quando o educando interpreta um personagem ou dramatiza uma situação, revela uma parte de si mesmo, mostrando como sente, pensa e vê o mundo. É uma atividade artística que permite ao aluno expressar-se, explorando todas as formas de comunicação humana. A atividade teatral amplia o horizonte dos alunos, melhora sua auto-imagem e colabora para torná-los mais críticos e abertos ao mundo em que vive (CUNHA 2009, p. 295 *apud*, BENTO E MEN 2009, p. 8).

A prática do teatro mostra aos discentes, novos rumos, novos horizontes, permitindo que elevem a auto estima, a autoimagem, além de colaborar para que se vejam como ser mais atuantes e críticos da realidade em que vivem. “O teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente de expressão e comunicação” (KOUDELA 1992, p.78 *apud*, CUNHA, 2009, p. 3). Essa afirmação concretiza o pensamento da potencialidade existente no fazer teatral com transformador de ideias.

Quando o educando atua como ator e em grupo, “experienciando novidades”, se integra e se descobre dentro da atividade. O estudante torna-se consciente de sua importância na sociedade e percebe-se como sujeito atuante no processo histórico (SPOLIN 1979, *apud* CUNHA 2009, p. 3). Acontece assim, a valorização do “eu” de cada indivíduo.

Os objetivos gerais que se espera que o discente seja capaz de alcançar, a partir do estudo sobre teatro, estão detalhados nos PCNs, conforme verificado abaixo:

- compreender o teatro em suas dimensões artística, estética, histórica, social e antropológica;
- compreender a organização dos papéis sociais em relação aos gêneros (masculino e feminino) e contextos específicos como etnias, diferenças culturais, de costumes e crenças, para a construção da linguagem teatral;
- improvisar com os elementos da linguagem teatral. Pesquisar e otimizar recursos materiais disponíveis na própria escola e na comunidade para a atividade teatral;
- empregar vocabulário apropriado para a apreciação e caracterização dos próprios trabalhos, dos trabalhos de colegas e de profissionais do teatro;

- conhecer e distinguir diferentes momentos da História do Teatro, os aspectos estéticos predominantes, a tradição dos estilos e a presença dessa tradição na produção teatral contemporânea;
- conhecer a documentação existente nos acervos e arquivos públicos sobre o teatro, sua história e seus profissionais;
- acompanhar, refletir, relacionar e registrar a produção teatral construída na escola, a produção teatral local, as formas de representação dramática veiculadas pelas mídias e as manifestações da crítica sobre essa produção;
- estabelecer relação de respeito, compromisso e reciprocidade com o próprio trabalho e com o trabalho de colegas na atividade teatral na escola;
- conhecer sobre as profissões e seus aspectos artísticos, técnicos e éticos, e sobre os profissionais da área de teatro;
- reconhecer a prática do teatro como tarefa coletiva de desenvolvimento da solidariedade social (BRASIL 1998, p. 90-91).

Além desses objetivos citados acima, os PCNS apresentam ainda, sobre quais os conteúdos de Teatro, como comunicação e produção coletiva, interfere no aprendizado:

- Participação em improvisações, buscando ocupar espaços diversificados, considerando-se o trabalho de criação de papéis sociais e gêneros (masculino e feminino) e da ação dramática.
- Reconhecimento e utilização das capacidades de expressar e criar significados no plano sensório-corporal na atividade teatral.
- Identificação e aprofundamento dos elementos essenciais para a construção de uma cena teatral: atuentes/papéis, atores/ personagens, estruturas dramáticas/peça, roteiro/enredo, cenário/locação (definido pela organização de objetos de cena, ou ainda pelo jogo de cena dos atuentes).
- Exercício constante da observação do universo circundante, do mundo físico e da cultura (de gestos e gestualidades próprias de indivíduos ou comunidades; de espaços, ambientes, arquiteturas; de sonoridades; de contingências e singularidades da nossa e de outras culturas).
- Experimentação, pesquisa e criação com os elementos e recursos da linguagem teatral, como: maquiagem, máscaras, figurinos, adereços, música, cenografia, iluminação e outros.
- Experimentação de construção de roteiros/cenas que contenham: enredo/história/conflito dramático, personagens/ diálogo, local e ação dramática definidos.
- Experimentação na adaptação em roteiros de: histórias, notícias, contos, fatos históricos, mitos, narrativas populares em diversos períodos históricos e da contemporaneidade.
- Experimentação, pesquisa e criação dos meios de divulgação do espetáculo teatral como: cartazes, faixas, filipetas, programas e outros.
- Participação de todo o grupo nos exercícios e apresentações sem distinções de sexo, etnia, ritmos e temperamentos, favorecendo o processo intergrupar e com outros grupos da escola ou da comunidade.
- Pesquisa e otimização dos recursos próprios para a atividade teatral disponíveis na própria escola e na comunidade (BRASIL 1998, p. 91- 92).

Os PCNs apresentam ainda o que o teatro promove ao ser, quando em apreciação, além de mostrar ao professor sobre como deve acontecer a avaliação, quando explicita os critérios de avaliação em Teatro, sendo possível avaliar sobre a

arte do improviso, do enfrentamento de situação de jogos, analisar se o aprendiz está capacitado para criar e organizar cenas, entre outros critérios de avaliação dispostos no PCN (BRASIL, 1998).

Concernente a metodologia de trabalho, o PCN (1998) apresenta que a temática do texto dramático a ser trabalhado deve iniciar com o plano sensório-corporal, através de gestos e atitudes. A linguagem dos gestos vai desenvolvendo aos poucos, através da observação, além do mais, no confronto entre texto e os gestos nascem as cenas. Os gestos têm um início, um meio e fim, o que torna passível de serem determinados. O gesto pode ser imitado (representado e apresentado) e reconstruído; ele pode ser armazenado na memória e repetido. O texto é ao mesmo tempo objeto de imitação crítica dos jovens e princípio unificador do processo pedagógico, se for permitida liberdade e diversidade de construções (BRASIL, 1998).

O espaço da sala de aula ou até mesmo da escola, são espaços de criação, de focar e abranger o teatro no dia a dia da escola, com o foco em deixar a sala de aula transformando o ambiente naquilo que propõe, naquilo que realmente se deseja. Ainda, introduzir o teatro a outros e diferentes espaços do âmbito da escola, como pátio, praça, ginásio. Com o espaço adequado, vê-se que não é preciso estar em um palco para se fazer teatro, explorando assim os espaços alternativos. Através das ações físicas desencadear processos capazes de aguçar os sentidos e refinar o pensamento:

[...] na compreensão de Grotowski, numa ação física há uma relação com o outro. Ação física é o modo como reagimos a determinados contextos, estímulos, relações. Sobre o gesto enfatizou que, na maioria das vezes, um gesto é um movimento periférico do corpo, mobilizando, sobretudo, mãos e cabeça. Citou como exemplo que, se observarmos a diferença de como um camponês e uma pessoa da cidade executa o aperto de mão, há uma tendência de o cidadão fazer o gesto da ação, enquanto o camponês realiza o aperto de mão como uma ação partindo do corpo (REIS, 2001?, s/p).

Discorrer sobre a contribuição do teatro na aprendizagem da criança não se esgota facilmente, visto que essa junção, educação e teatro, permite grandes mudanças para o ser no convívio social, facilitando experiências coletivas, de maneira geral, visto que o teatro não é uma arte individual, pelo contrário, é coletivo

permitindo uma transformação não apenas individual do educando, mas a sociedade também se modifica (REIS, 2001?).

5 A IMPORTÂNCIA DO TEATRO NA PROMOÇÃO DO CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR

É de causar espanto que ainda hoje o teatro (e as disciplinas que envolvem artes de modo geral), ainda sejam vistas como algo “menor” ou como disciplinas “periféricas”, mas a partir da observação da realidade escolar espalhada por vários rincões do país é exatamente isso o que se vem a constatar. Miranda fala que ensinar o conteúdo é função da escola, e que o teatro também incomoda, no sentido filosófico. Segue sua ideia:

Ensinar o conteúdo disciplinar, atualmente, não é a única função da escola. Enquanto instituição formadora, ela deve viabilizar formas de acesso ao lazer, à cultura, às práticas esportivas e até questões religiosas, permitindo a integração mais efetiva dos alunos na sociedade. Nesse sentido, o teatro tem um papel importante na vida dos estudantes, uma vez que, sendo devidamente utilizado, auxilia no desenvolvimento da criança e do adolescente como um todo, despertando o gosto pela leitura, promovendo a socialização e, principalmente, melhorando a aprendizagem dos conteúdos propostos pela escola. Além disso, sob a perspectiva de obra de Arte, o teatro também incomoda, no sentido filosófico, porque faz repensar e querer modificar a realidade instaurada. Ademais, possui caráter lúdico e constitui-se como forma de lazer (MIRANDA 2009 *et al.*, p. 5).

Essa constatação advém da visão corrente perante a sociedade capitalista de que o papel da arte está atrelado ao simples consumo de entretenimento, como se a arte (e por extensão, o teatro) não passasse de mais um produto a ser consumido a fim de se preencher o tempo “vago” do espectador. Segundo Miranda *et al* (2009), quando muito tem-se usado o teatro como forma de preencher lacunas vazias na grade curricular, pois “Há muitas maneiras de se trabalhar teatro nas escolas, mas o que se tem visto é a banalização desta forma artística no uso reiterado em datas históricas comemorativas, sem um objetivo de fato pedagógico”. Tal visão aliena o potencial agregador de conhecimento que o fazer teatral encerra em si. Como se pode constatar a partir de uma análise mais cuidadosa a respeito do assunto os estudos de Ivani Catarina Arantes mencionam:

:

A tendência em olhar a sala de aula sob uma única e determinada perspectiva acarreta sérias limitações, quer no referente às análises, quer nas sínteses enunciadas. A limitação disciplinar a que essas teorias se filiam impede uma visão multiperspectival dessa polifacetada realidade denominada sala de aula e, por conseguinte, fragiliza a evolução da ciência escolar atual (FAZENDA 2012, p. 63).

Convém aqui frisar que o ranço do qual o teatro é alvo por parte de pais e em certo grau, até dos próprios educadores, inviabiliza a que sejam estabelecidos novos parâmetros no que tange à construção do conhecimento, uma vez que para abarcar e estabelecer ligações entre os saberes é imprescindível que se reconheça na interdisciplinaridade uma forma válida de confluência cognitiva, de valorizar a inteligência multifocal e cultivar o conhecimento sem nutrir preconceito algum com relação a determinadas áreas específicas do mesmo - conhecimento, pois: “executar uma tarefa interdisciplinar pressupõe antes de mais nada um ato de perceber-se interdisciplinar” (FAZENDA 2012, p. 77).

É importante por meio da arte desenvolvida em âmbito escolar, permitir que se transcenda a ideia de que apenas pessoas dotadas de algum dom especial possam se envolver com os variados modos de fazer artístico. Para melhor entender, podemos ver em Assis Souza de Moura que:

A Arte, como um universo de diversidades de expressões, ensina que é possível transformar a existência e transformar-se, envolver-se continuamente, e que é preciso – e possível e necessário - mudar referências a cada momento, ser flexível, e é a arte que sempre propõe a (re)significação (MOURA 2008, p. 2).

E ainda que:

Tal (re)significação não será possível a menos que se crie o hábito de tanto mais cedo quanto possível inserir de modo espontâneo a prática artística em suas mais variadas formas no contexto escolar, o que, como sempre é conveniente enfatizar, ajuda no desenvolvimento psicomotor, léxico e afetivo, por isso é importante que se defenda “[...] uma escola feita de realidade e imaginação, em dosagens equilibradas, e apresentamos o teatro como elemento transformador das relações intra e inter-pessoais no cotidiano escolar – espaço de diversidades” (MOURA 2008, p. 3).

O teatro na escola pode ser visto como um caminho viabilizador da aprendizagem. Como fica evidente dentro de vários estudos, essa vertente teatral difere do teatro que tem por objetivo a promoção de espetáculos. Segundo Miranda *et al* (2009) nesse sentido: “O trabalho cênico deve consistir em fazer com que o

aluno saiba resolver conflitos relacionados ao ambiente escolar e, por consequência, ao social”.

Logo o teatro pode ser desenvolvido como estratégia para o ensino de conteúdos referentes tanto às ciências naturais quanto específicas, consistindo como fator de motivação para os alunos e como ponte através da qual pode ocorrer a troca de ideias, de experiências, a cooperação mútua, da participação, criação em processo colaborativo e franca reciprocidade. Através dos processos vivenciados e os resultados infere-se a necessidade de que vivências com teatro e expressão corporal sejam oferecidas em escolas, como estratégias para favorecer o desenvolvimento cognitivo, inclusive de conteúdos específicos, afetivos e sociais de alunos.

Por isso faz-se premente que seja reconhecido e mais que isso, explorado, o valor agregador e potencializador da apreensão do conhecimento inerente ao ensino de teatro em âmbito escolar, pois uma escola que use a linguagem artística e mais especificamente, a teatral, como liame que possibilite o diálogo entre os saberes formará mais do que cidadãos, indivíduos prontos a se adaptar e transcender as demandas, tanto da vida, familiar e afetiva quanto acadêmica e profissional.

5.1 Teatro no fomento do hábito da leitura e como potencializador cognitivo

Atualmente em diversas etapas do ensino básico e até do superior é constatado o pouco apresso dos discentes pelo hábito da leitura. Ao se tentar trabalhar um texto teatral com educandos constata-se a dificuldade enfrentada por proponentes de processos pedagógicos calcados no teatro em trabalhar o texto escrito. Quanto a isso Vidor afirma:

Quando o texto do autor, o texto original, é trazido para o processo, normalmente em pequenos fragmentos, nota-se a dificuldade que o participante, em diferentes contextos e com diferentes faixas etárias, apresenta na passagem do „escrito para o dito”, em última instância, em dizer um texto que não é seu, com o mesmo prazer e fluência com que diz um texto improvisado. Seja para manter o texto, seja para recriá-lo, outro fator observado é que o espaço reservado para a leitura do texto no processo teatral é mínimo e um tanto atropelado. (VIDOR 2011, p.36)

Por meio da leitura os indivíduos expandem seus horizontes e aprofundam seus conhecimentos relativos ao mundo e mais especificamente ao contexto social

no qual se encontram inseridos. Além de facilitar as interações sociais o hábito da leitura pode contribuir para a vida profissional das pessoas de forma efetiva. Apesar de sua importância, o hábito da leitura tem sido, infelizmente, mal explorado pela escola e por isso mesmo execrado pelos educandos. Como constatado por Martins e Barreiros:

Considerando-se que o sistema atual de ensino de leitura, em geral, privilegia o modelo tradicional de ensino, no qual os alunos tornam-se simples e reprodutores de informações não sendo motivados, muitas vezes, a entender e refletir sobre a importância do que foi ensinado em sala de aula. Essa falta de reflexão e relação com o cotidiano interfere na interpretação e produção de textos na escola (MARTINS & BARREIROS 2007?, p. 4).

Através da linguagem os indivíduos podem alcançar uma melhor compreensão da realidade, pois esta, segundo estudiosos, nos permite simbolizar o pensamento, inclusive conceitos abstratos refinados, bem como decodificar o pensamento de outros indivíduos. A linguagem escrita e por conseguinte a leitura tem o potencial de alcançar a supracitada compreensão da realidade a patamares ainda mais altos.

Em sua maioria os estudantes não têm o hábito da leitura, por considerarem tal hábito maçante e esse quadro é ainda mais agravado pela grande dificuldade que eles têm em entender os textos escritos. A falta de afinidade com a linguagem escrita compromete o desenvolvimento cognitivo dos discentes além de também limitar sua linguagem oral. Mas para além da apreensão formal de um saber, temos que a leitura faz parte de uma cadeia de saberes que são mutuamente agregados formando outros que em sua totalidade permitem ao indivíduo estar em constante processo de evolução, pois:

A valorização da leitura, considerada num sentido amplo, advém de sua importância para a inclusão do sujeito numa cultura letrada. Neste sentido, o ato de ler ultrapassa o patamar da simples habilidade de decodificação, é preciso ir além, adquirir a capacidade de atribuir sentido ao que foi decodificado (MARTINS & BARREIROS 2007?, p. 5).

Nesse sentido a utilização de leituras de textos teatrais como fator incentivador do hábito da leitura é uma opção muito viável e que pode facilitar muito a vida do professor em âmbito escolar. Segundo os PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 71-72). “[...] o professor deve organizar momentos de leitura livre em que

também ele próprio leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro [...]”.

E como consequência lógica temos que esse processo pode culminar na montagem, ou de textos teatrais, ou adaptação de cenas curtas, ou improvisadas, fazendo jus ao emprego do supracitado termo “interdisciplinaridade”, o que além de atestar o valor do teatro como potencializador e viabilizador da apreensão do saber pode contribuir de maneira efetiva para a apreensão desses saberes, sejam eles de matérias específicas ou para fomentar a boa convivência e a tolerância em âmbito escolar. Segundo os PCN de Arte:

A experiência do teatro na escola amplia a capacidade de dialogar, a negociação, a tolerância, a convivência com a ambigüidade. No processo de construção dessa linguagem, o jovem estabelece com os seus pares uma relação de trabalho combinando sua imaginação criadora com a prática e a consciência na observação de regras (PCN 1998, p. 88).

Para o fomento do teatro com vias à produção do conhecimento é importante que se utilize de suas múltiplas linguagens como opção para ampliar os horizontes de leitura dos estudantes. A saber: a improvisação, os jogos teatrais e o teatro. Quanto à improvisação:

[...] improvisar é interpretar algo, que não foi preparado anteriormente, é representar algo criado no momento da ação. Com isto o aluno desenvolve a espontaneidade, a criatividade, a imaginação e a expressão corporal. Trata-se de uma atividade dramática e pode ser preparada ou espontânea, como propões Spolin, falada ou em mímica. Pode ser prevista anteriormente por meio de um roteiro, com indicação da seqüência das ações a serem executadas durante a improvisação, ou espontânea quando criada durante a improvisação (MARTINS & BARREIROS, 2007?, p.16).

Quanto aos jogos teatrais sua estrutura resume-se basicamente à resolução de algum determinado problema cuja finalidade no fim das contas é cooptar a atenção e o foco dos jogadores com vias a fomentar antes de tudo a interação e coesão do grupo.

A estrutura dos jogos é simples e baseia-se na resolução de problemas. O problema é o objetivo do jogo e todas as regras são criadas com foco nesse objetivo/problema. Essas regras incluem a estrutura dramática, Onde / Quem / O que, o foco, o acordo do grupo, as instruções e a avaliação. O *onde* diz respeito ao ambiente ou cenário, trazendo a noção de

localização; o *quem* está ligado ao personagem ou relacionamento, trazendo ao jogador a relação com os eventos cotidianos; e o *que* está ligado diretamente à ação, ou seja, as interações do jogador e os objetivos a serem executados.

O foco não é o objetivo do jogo. Ele está mais ligado a energia canalizada e direcionada ao objetivo. Quando todos os jogadores conseguem manter o foco no objetivo as soluções práticas para o problema começam a surgir, assim como uma cumplicidade entre os jogadores que assumem juntos a responsabilidade da solução. (ANDRADE, 2014, s/p).

No afã de se trabalhar o texto escrito tendo como facilitador o teatro é interessante que o educador faça uso de recursos como a leitura dramática, pois como afirma Vieira:

A leitura dramática por ser um seguimento do teatro, pode se constituir em uma ferramenta educativa na estratégia de ensino de Literatura, auxiliando no desenvolvimento de diferentes competências e habilidades do aluno, podendo ser estendida a várias disciplinas da matriz curricular da instituição de ensino (VIEIRA 2016, p. 39).

Quanto à definição do que vem a ser a leitura dramática para leigos nada mais cabível do que adotar a definição proposta por Vieira:

A leitura dramática no teatro formal, é aquele momento em que o ator, seja ele profissional ou amador, trabalha a memorização da peça, lendo em voz alta, observando-se as rubricas — indicações fora das falas das personagens, que orientam atores e diretores nas ações em cena —, desde inflexões da voz às movimentações no palco. É costume colocar as rubricas entre parênteses em itálico no texto, pois, são elas que definem o roteiro de ações a serem seguidas no *script*. A leitura dramática fica na fronteira entre o texto e sua completa memorização, quando, então, o ator abandona o script e dialoga o texto de cor, fluindo livremente pelo palco (VIEIRA 2016, p. 55).

Afim de que se “quebre o gelo” que há entre a maioria dos educandos e o hábito da leitura cabe-se argumentar que leitura não consiste apenas no ato de ler letras que formem sílabas que por extensão formem palavras, frases e textos completos, mas como salienta Vieira:

Quando se fala em leitura, imediatamente se imagina um texto, no entanto, o ato de ler começou a fazer parte da vida do homem muito antes da escrita. Guiado por seus instintos e sentidos, o homem em seus primórdios, lia o mundo a sua volta, buscando interpretá-lo e dar-lhe significado. Determinadas mudanças nas nuvens significavam chuva, e as mudanças nas fases de lua traziam efeitos sobre a natureza. Na percepção de sinais de perigo, na procura de plantas e raízes para alimento ou para a cura de feridas, na pre-

paração de utensílios para a caça, todas essas ações exigiam do homem observação e criteriosas escolhas ou “leituras” (VIEIRA 2016, p. 40).

Arelado ao processo de leitura dramática o desenvolvimento dos estudantes/atores alcançará altíssimos níveis de desenvolvimento psicocognitivos, pois a leitura dramática além de trabalhar o processo de compreensão do texto, envolve faculdades tais qual a reflexão, a criatividade e escolha de expressões faciais, e inflexões vocais, afim de que se dê “textura” aos papéis trabalhados em sala de aula.

É importante salientar que a melhor forma de se introduzir o teatro no ambiente escolar é de forma espontânea e despojada, fazendo uso de experiências pessoais de cada discente e situações do cotidiano na ocasião da criação de cenas improvisadas de forma que eles não percebam as artes cênicas como algo estranho a seu cotidiano e não as encarem com desconfiança.

6 OS JOGOS DE RPG COMO PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA A SER TRABALHADA EM SALA DE AULA

Antes de discorrer sobre a efetividade dos jogos de RPG como proposta pedagógica ou enumerar suas qualidades frente ao desafio do educador em seu dia-a-dia na sala de aula é importante que se defina mesmo que de forma sucinta e por isso mesmo incompleta o que são jogos de RPG, para tanto uma definição que a despeito de breve se mostra abrangente é a de Swahili:

A sigla RPG, que é o termo comumente usado no Brasil para descrever este gênero de jogo, vem do inglês Role Playing Game, cujas traduções mais adotadas são: Jogo de Interpretação de Papéis, Jogo de Representação de Papéis e Jogo de Personificação de Papéis (usa-se com frequência, nas publicações nacionais voltadas ao jogo, o termo Personagem em detrimento a Papéis). É importante ressaltar que dentro da conjuntura mundial, o Brasil é um dos poucos países de língua não-inglesa que usa o termo Role Playing Game para definir os Jogos de Personificação – os RPGs (SWAHILLI, 2001?, s/p).

É possível que se estabeleça uma relação entre os tradicionais jogos teatrais exercidos de forma espontânea pelas crianças através da história com os jogos de RPG atuais por se caracterizarem principalmente por sua circunscrição ao campo da imaginação e da representação. É importante, contudo que se dissocie a imagem dos jogos de RPG de mesa dos MMORPG (Massive Multiplayer Online Role Playing

Games) que consiste em uma modalidade aparte e possui jogabilidade totalmente diversa, uma vez que enquanto os jogos de RPG de mesa são jogados usando-se apenas dados, fichas de personagens (contendo seus atributos e experiência), livro de regras e a imaginação dos jogadores/atores e do mestre/narrador, os MMORPG's são jogos de estratégia jogados online e são vagamente inspirados em mundos/cenários de RPG's clássicos como D&D e CHAINMAIL.

Um dos aspectos que mais distancia os jogos de RPG dos tradicionais jogos teatrais infantis é uso de regras que fazem com que o pivô narrativo proposto pelo mestre/narrador como fins a iniciar a campanha tenha seu desenlace em eventos condicionados às atitudes dos jogadores/personagens:

Geralmente estes tipos de jogos consistem em trabalhar os aspectos da estratégia, regido por regras predeterminadas, para que o personagem possa chegar à vitória, passando por vários desafios. Um outro aspecto interessante, é que há possibilidades infinitas de encenação, pois no RPG não existe um final definitivo. (MIRANDA *et al.*, 2009, p. 7)

Todos os RPG's possuem um livro de regras, um manual com todas as informações necessárias para que se possa jogá-lo. A quantidade de informações encontrada nesses livros de regras tem como propósito ajudar a ambientar as aventuras (ou campanhas) e trazem “um compacto de todo um universo ficcional, com tudo o que lhe é devido, desde a sua geografia, história, economia e religião, até a descrição de seus habitantes, com características bastante detalhadas” (VASQUEZ 2008, p. 12).

Além da complexidade e riqueza de detalhes contida nos jogos de RPG é possível explorar ainda mais os mundos abordados nesses livros de regras com ajuda dos complementos, livros que expandem os conceitos e temas abordados nos livros básicos, pois, ainda segundo Pereira (2003, p. 30-31) “Complementos” ou “suplementos” são livros que fornecem novas possibilidades para o jogo que se pretende utilizar, como novas regras ou uma nova ambientação”.

Apesar de todas as ferramentas utilizadas para se viabilizar as partidas de RPG (dados de variadas quantidades de faces, fichas, manuais, etc.) o principal no fim das contas continua, como acontece com os jogos de faz-de-conta infantis, é a imaginação e o potencial criativo latente principalmente nas crianças e adolescentes:

O RPG é um jogo de abstrações isto é; para vivencia-lo os jogadores devem criar no campo do abstrato um universo onde representarão personagens que só existe a partir da imaginação deles e, portanto, a imaginação do jogador é usada ativamente. No RPG a interação entre os jogadores é o palco onde se desenrola seu desenvolvimento enquanto jogo; isto é, o plano de desenvolvimento do jogo é a interconexão expressa das diversas subjetividades dos jogadores (SWAHILLI, 2001?, s/p).

Devido as suas características inerentemente ligadas ao forte uso da imaginação e à cooperação mútua exercida entre os jogadores cujo objetivo é chegar a um fim comum proposto pelo mestre/narrador, o RPG, além de fomentar a criatividade e cognição, pode contribuir para a saudável interação entre os estudantes/jogadores estreitando laços afetivos e fortalecendo relações de companheirismo e cooperação:

A capacidade de integração do RPG começa na sua própria estrutura: é jogado em grupo, demandando não a competição, como por exemplo no xadrez ou no pôquer, mas sim a cooperação entre seus participantes. Além disto, é calcado no discurso oral, no diálogo e troca de ideias. Neste aspecto, o RPG é um importante elemento de comunicação, pois o ato de jogar leva, naturalmente, a uma maior facilidade de se comunicar, expressar um pensamento (PEREIRA, 2003, s/p).

Dentro de tal contexto, como arremate, é importante chamar atenção ao que é proposto por Miranda *et al*:

Esta modalidade de jogo pode ser proposta dentro das escolas como recurso didático e estimulativo, desde que se escolha um tema e se construa um roteiro adequado para isso. O jogo/encenação seria melhor aproveitado principalmente pelo público adolescente, já que este tipo de clientela possui um contato maior com este tipo de prática e, de modo geral, sente-se desestimulado pela rotina escolar (MIRANDA *et al.*, 2009, p. 8).

Os jogos de RPG podem ser usados, sobretudo com a finalidade específica de se estabelecer a conexão entre teatro e conteúdos de apelo histórico, pois como afirma Valério:

O jogo de RPG em si tem um grande potencial criativo, podendo levar seus jogadores aos mais variados locais e vivenciarem as mais diversas experiências através da imaginação, portanto, espera-se com a aplicação dessa metodologia levar os alunos a conhecerem situações históricas de forma a participarem da construção do conhecimento. O próprio RPG, quando não objetivando o ensino já trazia vários livros com propostas de ambientações históricas, onde eram descritos cenários completos a fim de possibilitar um

jogo em locais como o Império Romano, a Pré-História ou a Segunda Guerra Mundial (VALÉRIO 2011?, p. 179-180).

Assim temos que com o uso de jogos do RPG pode-se levar o teatro como modalidade viabilizadora do ensino a um novo nível, pois além de estimular a imaginação e a interação cooperativa ao mesmo tempo em que consolida conteúdos relativos ao ensino de história, com cenários como o Brasil colônia do RPG Desafio dos Bandeirantes de Carlos Eduardo K. Pereira, Flávio Andrade e Luiz Eduardo Ricon de Freitas, pode-se ainda lançar mão de recursos de outra modalidade mais próxima da proposta formal do teatro, refiro-me aqui à modalidade *Live Action* ou LARP (live action role play – jogo de interpretação ao vivo) modalidade na qual os jogadores agem como seus personagens muitas vezes usando até figurinos: “o *live action* é jogado com um grande número de pessoas que representam seus papéis por meio de roupas, falas e gestos. O local de encontro para o jogo é decorado com elementos do cenário onde se passa o jogo (SCHMIT, 2008, p. 51)”.

Corroborando a importância do RPG e sua característica principal que é a fantasia sempre presente em seu aspecto teatral “como conjunto organizado de ações e transmissão de mensagens, o teatro poderá, per se, ministrar educação e ser agente e meio de educação” (KOUDELA, 1990, p. 27).

A partir do final da década de 90 começaram a ser desenvolvidas as primeiras pesquisas que buscavam explorar o potencial pedagógico do RPG sendo o Brasil além de um dos pioneiros na implementação de tal proposta, um dos mais avançados na área (AMARAL E BASTOS, 2011, p. 5). É importante frisar que tais pesquisas e o subsequente desenvolvimento do RPG aliado ao ensino foram responsáveis por cunhar o termo *RPG PEDAGÓGICO*.

Vários autores/pesquisadores têm chamado atenção para o crescente interesse por parte de educadores em fazer uso do RPG como ferramenta pedagógica como exemplo disso, cito aqui Andréa Pavão, que ainda no ano de 1998, em suas pesquisas para dissertação de Mestrado em Educação, observava o processo pedagogização do RPG:

Segundo minhas observações em campo, acredito que o RPG está passando por uma fase de pedagogização. Na medida em que os jovens se interessam tão apaixonadamente por estes jogos, assim como se interessam

pelos quadrinhos, educadores se apropriam destas linguagens e as trazem para a cena pedagógica (PAVÃO, 2000, p. 112/113).

Como consequência natural de tais pesquisas e avanços na área pedagógica aliada aos jogos de RPG a partir de 2002 os primeiros encontros sobre o RPG na educação, na forma dos Simpósios de RPG e Educação (AMARAL E BASTOS, 2011, p. 6). Ano após ano, são realizados mais trabalhos sobre o uso do RPG na escola como Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações, monografias, artigos e teses. À medida que surgem mais resultados das várias pesquisas na área, constata-se um crescente interesse por parte de estudantes e professores pelo RPG aplicado à educação, o que o fortalece como um recurso potencialmente pedagógico.

Então temos que o RPG pode funcionar como interseção ou complemento à implementação do teatro em contexto escolar, até por que, em última instância são os dois formas distintas e ainda assim correlacionadas de exercer uma mesma prática artística provida de potenciais lúdicos e pedagógicos. Como forma de sintetizar tal concepção podemos nos amparar nas palavras de Swahili:

Se, na procura pela obtenção do desenvolvimento do prazer na educação formal, nos percebemos a arte e o lúdico como elementos fundamentais, nada seria mais plausível que o uso de um jogo que ampliasse as diversas linguagens artísticas, de forma contínua e com uma desenvoltura natural – isto é, antes de ser transformado em um forçoso servo dos anseios pedagógicos de transmissão de dados. Dentro das especificações escolhidas como critério para uma atividade de potencial lúdico [...], o único gênero de jogo que contemplou plenamente esta e outras perspectivas foi o RPG. É necessário salientar que, devido a seu caráter de contínua construção, aliado à cooperação inerente a prática do jogo e o reconhecimento de sua maleabilidade à simulação de qualquer contexto necessário à sublimação do prazer e à formação-informação do indivíduo o RPG caracteriza-se como um agente/meio de educação. (SWAHILLI, 2001?, s/p).

Para não se relegar o RPG apenas à interação com as ciências humanas e para fazer jus de seu uso com fins pedagógicos, como acontece semelhantemente com as formas mais tradicionais do teatro cujas potencialidades no tocante ao fomento de práticas interdisciplinares, é importante lembrar que o RPG também pode ser um fator viabilizador da apreensão de conhecimentos relativo às ciências naturais:

Em 2006 foi realizado o IV Simpósio RPG e Educação, cujas palestras atingiram estudantes universitários e foram voltadas para temas variados, incluindo relatos de experiência sobre o uso do RPG no ensino de Biologia Celu-

lar e análises sociológicas e psicológicas (AMARAL & BASTOS 2011, p. 5 *apud* VASQUES, 2008).

Ou ainda vale mencionar que segundo Amaral e Bastos (2011, p. 6-7) quanto à aplicação do RPG no ensino de física “[...] a questão da ambientação adequada, que permite ao aluno utilizar seu personagem para absorver conhecimentos de Física, ao mesmo tempo que se diverte com a aventura vivenciada durante o jogo” o que condicionado à sua hipotética aplicação em múltiplos contextos pode transmitir um pouco de seu teor multidisciplinar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se buscou com o presente estudo foi analisar sobre a disciplina de Arte e a interdisciplinaridade no contexto educacional, sob a ótica da interdisciplinaridade, buscando compreender como inter-relacionar os conteúdos de Artes com outras disciplinas previstas na grade curricular. Além disso, buscou-se entender como a disciplina de Arte pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem bem como analisou-se sobre a contribuição do teatro para a aprendizagem da criança.

É importante abordar que não intencionou-se esgotar a discussão de uma temática muito importante e complexa, como é discorrer sobre as artes no ambiente escolar, responsável pelo desenvolvimento da criança, e edemas compreender como as escolas podem fazer para ajudar o educando a desenvolver suas próprias potencialidades, seja na parte artística ou pedagógica. Além disso, o teatro também proporciona a criança o conhecimento de outro gênero, além da prosa e da poesia, o dramático.

Realizar essa pesquisa, de cunho bibliográfico, permitiu tornar mais claro que o ensino de Artes Cênicas ou Teatro, no ambiente escolar permite ao discente que conheça em si e se reconheça no outro ao construir um personagem com características afins à sua personalidade ou não, sejam estas características físicas e ou psicológicas.

Tornou possível constatar que o processo criativo por meio do teatro na escola, representa ampliar a visão e o conhecimento o que poderá contribuir para realização da obra como um todo e para o reconhecimento individual do educando na produção coletiva.

Esse trabalho se propões a servir de suporte para estudiosos perceberem a importância de se relacionar o ensino da Arte com outras áreas de conhecimento. Não tendo o Teatro como suporte, mas sim como parceiro.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. R.; BASTOS, H. F. B. N. O Roleplaying Game na sala de aula: uma maneira de desenvolver atividades diferentes imultaneamente. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. Pernambuco, v. 11, n. 1, p. 103-122, jan. 2011.
- ANDRADE, J. **Viola Spolin e os Jogos Teatrais**. 2014. Disponível em: <<https://profes.com.br/JulianaAndrade/blog/viola-spolin-e-os-jogos-teatrais>>. Acesso em: 08 jun. 2018.
- ARCOVERDE, S. L. M. **A importância do teatro na formação da criança**. Artigo. 2008. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/629_639.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2018.
- BASTOS, A. R. A. **A linguagem teatral e suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem nos anos iniciais**. Monografia. Pedagogia. Faculdade Pará de Minas. Pará de Minas. 2016.
- BENTO, F; MEN, L. **Teatro e educação: uma realidade a ser redesenhada**. Artigo. IX Congresso Nacional de educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009. PUCPR.
- BONFANTE, A. C.; FERNANDES, J.; SALES, R. **A inserção da Arte no Processo de Ensino-Aprendizagem no Contexto do Ensino Fundamental**. 2015. Disponível em: <<http://ptdocz.com/doc/1009902/a-inser%C3%A7%C3%A3o-da-arte-no-processo-de-ensino>>. Acesso em: 16 mar. 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC. SEF. 1998.
- _____. Senado Federal. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF.
- CORTELLA. **Filósofo Mario Sergio Cortella explica conceitos de moral e ética**. 2016. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/noticia/2016/02/filosofo-mario-sergio-cortella-explica-conceitos-de-moral-e-etica.html>>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- COSTA, N. C. A. **O teatro como instrumento na construção de valores éticos na educação**. 2003. 38 f. Monografia (Especialista em Arte na Educação Infantil) – Universidade Federal de Juiz de Fora.
- CUBA, J. C. O.; MARTINHO, J. S.; ABREU-BERNARDES, S. T. **Diálogos entre Arte, Interdisciplinaridade e Educação: o que dizem Os PCN**. Artigo. Travessias ISSN-1982-5935. Vol. 10. N. 02. 24. Ed. 2015.
- CUNHA, A. H. **Teatro na escola: proposta para a educação moderna**. Artigo. Disponível em: <<http://www9.fapa.com.br/monographia/artigos/4edicao/14%5B1%5D.ARTIGO.7.pg>>.

ADEMILSON_CUNHA.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2018.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. 18ª. ed. Caminas-SP: Papirus, 2012.

FERRAZ, M; FUSARI, M. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRA, T.; FALKEMBACH, M. F. **Teatro e dança nos anos iniciais**. Porto Alegre. Mediação, 2012.

GAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo, editora da UNESP, 1999.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas: Papirus, 2001.

KOUDELA, I. D. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LIRA, G. J. H. **O teatro, a aprendizagem e a educação infantil**. Artigo. UEMG- Universidade do Estado de Minas Gerais. Carangola MG. 2012. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/pdf_teatro_e_aprendizagem.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2018.

MIRANDA, J. L. *et al.* **Teatro e a escola: funções, importâncias e práticas**. Revista CEPPG, Catalão, v. 11, n. 20, p. 172-181, jan. 2009. Disponível em: <http://www.portalcatalao.com/painel_clientes/cesuc/painel/arquivos/upload/temp/a1129237b55edac1c4426c248a834be2.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2018.

MOURA, A. S. O teatro de improviso como prática educativa no ensino de história. 2008. 10 p. p. Dissertação (Licenciatura em Letras)- Universidade Federal da Paraíba, [S.l.], 2008. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2004%20-%20Assis%20Souza%20de%20Moura%20TC.PDF>. Acesso em: 24 mai. 2018.

OLIVEIRA, M. E.; STOLTZ, T. **Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky**. Educ. rev., Curitiba, n. 36, p. 77-93, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 Jun. 2018.

PAVÃO, A. **A aventura da leitura e da escrita entre os mestres de Roleplaying Game**. São Paulo: ed. Devir, 2ª ed. 2000.

PEREIRA, C. **Construção de personagem & aquisição de linguagem: o desafio do RPG no INES**. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2003.

QUEIROZ, M. S. NASCIMENTO, C. C. **Arte-educação no contexto das classes multisseriadas na comunidade da fazenda timbó em Amargosa-BA**. Artigo. III EBE. CULT. III Encontro Baiano de Estudos em Cultura. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2012.

REIS, D. M. A ação física e a composição do ator de Grotowski. **Revista on-line de**

Mímica e Teatro Físico. Bahia, v. 1, n. 1, p. 31-52, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.mimus.com.br/demian2.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

SCHMIT, W. L. **RPG e educação:** alguns apontamentos teóricos. 2008. 268 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2008/2008%20-%20SCHMIT,%20Wagner%20Luiz.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

SWAHILI, G. **O RPG na Educação.** [2001?]. Disponível em: <<http://www.daemon.com.br/home/o-que-e-rpg/o-rpg-na-educacao/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

VALÉRIO, A. S. S. **Ensino e imaginação:** o uso do rpg como ferramenta didática no ensino de história. I Jornada de Didática - o ensino como foco i fórum de professores de didática do estado do Paraná, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 178-188, jan. [2011?]. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/ENSINO%20E%20IMAGINACAO%20O%20USO%20DO%20RPG.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

VASQUES, R. C. **As potencialidades do RPG (ROLE PLAYING GAME) na educação escolar.** 2008. 179 f. Dissertação (Mestre em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista.

VIDOR, H. B. Leitura e Teatro: primeiras aproximações. **Revista Aspás**, v. 1, n. 1, p. 35-41, 2011.

VIEIRA, D. G. **Leitura dramática no ensino de literatura:** arte e ousadia em sala de aula. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.